

UMA PEDAGOGIA PARA A VIDA EM COMUM

Engenheiro com doutorado em Literatura Hebraica, Nilton Bonder é Rabino da Congregação Judaica do Brasil e Diretor do Midrash Centro Cultural. Ordenado pelo Jewish Theological Seminary, atualmente é o Rabino de púlpito mais antigo no Brasil, e vive isso há 34 anos ativamente. Além de um religioso atento ao seu tempo, é escritor de mais de 20 livros publicados no Brasil e traduzidos em 18 idiomas, ganhador dos prêmios literários Jabuti e American Book Award.

Nilton Bonder volta a Curitiba com a ideia de trazer a alma para o centro da sua discussão. Antes, foi com o livro *Alma Imoral*, que foi adaptado como um monólogo para o teatro e está em cartaz há 12 anos. Agora, com *Alma e Política: um regime para seu partidarismo - que também poderia chamar-se Desincliná-lo é aperfeiçoá-lo na dimensão humana* - é um livro que nasce antes da era Trump como interesse em responder para o público em geral as interpelações que lhe foram feitas por ocupar um lugar de liderança. Um livro que pretendeu dar conta da nossa relação humana individual com o que de mais amplo possa existir, a vida em comum. Da ideia de que, para existirmos enquanto comunidade, como união de corpos formando um corpo maior, precisamos produzir política e tomar decisões que possam responder à necessidade da maior parte de pessoas possíveis.

Suas colocações guardam importância, porque no Brasil, atualmente, a ideia do corpo político está perdida. O que vemos, em grande parte dos casos, é o político e não mais a política. O que se tem é o político como uma carreira que, para se dar bem, deixou de lado o espaço de mediação para viver, tão somente, o do poder. Portanto, fica claro o que vemos nos dias de hoje quando a ideia de política está muito distorcida, dando espaço apenas à vivência de poder do político: estamos perdendo a escuta e nos entregando aos jogos dos discursos de ódio.

Bonder mostra na primeira parte do livro, quando fala o que é a alma, que existem dois grupos de pessoas no mundo, isto é, dois modos polarizados de vermos as pessoas: lenientes, flexibilizáveis (mekil) ou os que são os rigorosos, agravadores (machmir). Com base na sabedoria judaica, esses dois modos básicos e distintos do pensamento humano permitiram ao Rabino pensar uma biotipologia de alma. Ao que parece, não é um juízo de valor que pretende Bonder, mas apontar que na filosofia da tradição judaica o bem e o mal não estão existencialmente presentes, como na tradição ocidental

AUTORA:

CARLA FRANÇOIA

DOUTORA EM FILOSOFIA
PROFESSORA DOS CURSOS DE
MEDICINA E PSICOLOGIA DA
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO PARANÁ E PESQUISADORA
EM CORPO, SUBJETIVIDADE E
TECNOLOGIA.



Nilton Bonder.

cristã, essa questão aparece de uma outra forma. O mal aparece como o impulso ao mal ou inclinação ao mal. O mal não é uma instância que está sempre em referência ao bem, mas está no intrínseco do ser, na sua inclinação ao mal. Na questão judaica não há tanto a questão do bem e do mal, ou as forças das trevas contra as forças das luzes, a ideia satânica versus a ideia divina. O que é mal, é aquilo que é produzido por alguém que não é justo, por alguém que é inclinado. São aqueles que tendenciam as coisas, caracterizando-as a partir da sua inclinação.

Na estruturação da psique judaica, o herói é o justo, isto é, alguém que consegue dar conta das suas inclinações e toda inclinação é, de partida, um problema. Afinal, se eu olho para a realidade inclinado, seja para direita ou para a esquerda, eu estou produzindo uma deturpação, um desvio, de acordo com o olhar. Sendo assim, uma vez que a pessoa vira leniente, nunca mais deixará de ser

leniente, ou agravador, para sempre agravador: pela encarnação inteira a nossa alma será assim e, ambas as formas de ser, são partidárias, o que de cara mostra a nossa inclinação e a nossa necessidade de resistir. Não somos imparciais, tudo é partidário, tudo é tendencioso.

Chegamos a isso porque desde a nossa primeira infância, escolhas feitas vão moldando nossa personalidade, nossa visão de mundo. Por óbvio que estas escolhas não são racionais, mas fazem parte das experiências que vamos acumulando logo nos primeiros anos de vida, que nos permitem tirar 4 grandes conclusões sobre a vida. Essas conclusões é que serão a plataforma da qual escolheremos como padrão para forjar nossa alma, que acreditamos serem os melhores. Esses padrões foram pensados por Bonder a partir da mística judaica cabalar: do físico, do intelectual, do emocional e do espiritual.

A questão física nos permite ter a experiência da posse dos objetos na relação com o outro. Como eu entendo o que é meu e o que é do outro nasce dessa relação de aprendizagem infantil que me possibilitará fazer escolhas na vida adulta. Na dimensão emocional, como a gente lida com os afetos, ou melhor, como escolhemos ser os personagens que nos favoreceram durante a vida. Já o mundo intelectual tem a ver com discernimento e compromisso, ter um compromisso com as descobertas para mudar as coisas ao redor. Porque o justo é o que tem discernimento e disso produz compromisso de mudança de posições e de transformações na vida. Na área espiritual é o lugar de doação e de entrega. Viver é uma atividade de impactar o mundo, de se entregar à vida, doar-se à vida, muito mais do que absorver dela, é o diametralmente oposto da questão física apontada logo há pouco.

A grosso modo, a experiência física nos remete a como lidamos com a posse, a emocional nos remete ao manejo com os afetos, a intelectual com a capacidade de nos comprometermos com o que aprendemos, e a espiritual, com a área da entrega de si ao mundo. Dessas vivências vamos construindo a plataforma na qual, agindo melhor, avançamos nos nossos interesses na vida. Vamos elaborando uma organização do nosso ser de onde tiramos conclusões básicas sobre a vida; esses padrões de comportamentos são impressos na nossa personalidade e é daí que nasce a essência de cada um, que nos acompanhará vida afora. Dessas 4 grandes experiências que chegamos na vida, ou viramos lenientes ou rigorosos. Nossa alma se encontra num polo ou noutro.

Importante entender que o Rabino não se pretende um cientista produtor de teoria



Nilton Bonder, e Szyja Lorber.

científica sobre como nos tornamos seres racionais ou um filósofo que descreve a relação do ser na sua compreensão do mundo. Mas, está claro que a sua escrita propõe uma metáfora da vida, mas não da vida nua e crua, e sim da política. Seu método de análise da vida coletiva através dessa metáfora é para facilitar enxergarmos o que não conseguimos ver porque somos inclinados. Uma tentativa, através da contemplação da vida política, de compreender como nascem as várias dualidades que influenciam as nossas escolhas e julgamentos, tais como ser liberal ou conservador, republicano ou democrata, esquerda ou direita entre outras dimensões políticas.

É inevitável, nós somos partidários e uma pessoa de bem não é uma pessoa que perdeu seu partido, que abriu mão do seu olhar para o mundo ou leniente ou rigoroso. Nós não abandonamos a nossa alma, ela nos acompanha a vida inteira. Mas, cria-se um paradoxo para se compreender a vida em conjunto, ou a vida política. Bonder explica que não abandonar a alma não significa não mudar para sempre, nós somos dotados de padrões de resposta a determinadas situações ou comportamentos que se repetem sempre que necessário e que nos acompanham durante toda a vida. Nas esferas da vida e das relações, sempre que algo surge e demanda uma ação nossa, nós respondemos dentro do nosso padrão, que iniciou sua construção desde os tempos remotos da nossa infância. Essa alma, que nasce logo na primeira infância a partir da relação com o mundo, sempre nos direciona a certos comportamentos que para ela são familiares, frente

aos acontecimentos da vida. Fazendo uma analogia podemos pensar que ser brasileiro, homem, advogado e casado fará com que o fato de ser brasileiro responda, frente a vida, diferente de um francês; ser um homem responda diferente de uma mulher; ser advogado trará respostas diferentes frente a um determinado crime, de um psicólogo; e ser casado fará diferente de um que é solteiro. Estamos inclinados a responder a partir do que somos e de como estamos.

Sendo assim é preciso, para bem viver, um esforço. O esforço de todos nós que somos ou lenientes ou agravadores é conseguirmos trabalhar esses partidarismos e encontrarmos maneiras de neutralizar nossas inclinações e é nesse momento que aparece o elemento política como determinante das nossas relações sociais. A política, elemento central da segunda parte do livro de Nilton Bonder, é o espaço de negociação para todos nós, é o lugar que tenta produzir dentro da cidade um contrato entre todos; uma tentativa de negociação entre interesses diferentes para produzir a melhor qualidade possível dos interesses em comum. Nós somos todos partidários, somos seres parciais e para ir para um lugar mais justo, ou encontrarmos com o herói em cada um de nós, teremos que nos desinclinarmos sem abrir mão do que acreditamos e pensamos, e resistir às nossas inclinações na tentativa de nos aperfeiçoarmos enquanto pessoas para que possamos viver minimamente ao lado do outro sem que a minha presença seja tão perturbadora, assim como a existência frente as questões do outro.

O autor quer mostrar que existem, sim, compartilhamentos no entendimento da vida e, encontrar espaços comuns nos quais se possa escutar dos partidários e juntos buscarmos um lugar no qual se possa produzir a melhor saída possível. O importante, ao que parece, é colocar em prática a compreensão desinclinada.

Se Bonder buscou uma biotipologia da alma através de um jogo metafórico, o que ele nos entregou foi uma pedagogia das relações políticas. Ser crítico consigo mesmo para melhor se reconhecer nos lugares e posições ocupados frente à vida é o que de mais vivo e produtor de verdades sobre nós existe. Ao buscar esse caminho buscamos os lugares seguros em que nos protegemos de ser aquilo que mais nos preocupa, perversos demais ou tolos demais, por exemplo. Por isso, precisamos fazer o trajeto do encontro com nossas

mais profundas, e muitas vezes dolorosas, verdades, e ao encontrá-las, moldá-las para que possam ser adaptadas junto a outras verdades moldadas e adaptadas das pessoas das quais convivemos. O ideal de vida em comum.

Na coexistência, a alma e a política se encontram na vida. Para que esse encontro seja ao menos suportável, devemos amansar nossas inclinações, devemos lembrar que a existência do outro também é adornada com experiência que compõem a organização da sua alma. De modo generoso e, nada desinteressado, o Rabino nos faz pensar que desinclinarse é aperfeiçoar-se na dimensão humana. É não se esquecer de quem é, mas lembrar que existe o outro, com outras experiências, outras respostas, outra alma e que mesmo assim, igual a mim. E, como a mim, quer a vida, vida plena, vida em comum. ■

